

ARQUIDIOSE DE SÃO PAULO

TESTEMUNHA DE JESUS CRISTO NA CIDADE

11° Plano de Pastoral: 2013-2016

I PARTE: ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO – UMA IGREJA EM CAMINHO

1. Atenta à sua história

1. A Conferência de Aparecida (2007) foi para a Igreja na América Latina e Caribe um momento precioso, um dom do Espírito Santo para o nosso Continente, um chamado a reavivar a consciência sobre sua missão de “ajudar os fiéis cristãos a viverem sua fé com alegria e coerência, a tomar consciência de ser discípulos e missionários de Cristo, enviados por ele ao mundo para anunciar e dar testemunho de sua fé e amor” (cf. Bento XVI, Discurso Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, Aparecida, 13 de maio de 2007).

2. As grandes intuições e luzes contidas no Documento de Aparecida marcaram, nestes últimos anos, muitas iniciativas pastorais, sobretudo a elaboração das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2007-2011) e, na Arquidiocese de São Paulo, o 10° Plano de Pastoral (2009-2012) - “Discípulos-missionários na cidade de São Paulo”.

3. No Caminho percorrido pela Arquidiocese de São Paulo, foram dados passos importantes na formação para o discipulado e a missão. Em 2008, na celebração do Centenário da Arquidiocese, que coincidiu com o Ano Paulino, foi dado um grande impulso à ação evangelizadora na cidade, com o lema “Deus habita esta cidade” e a proclamação do Apóstolo São Paulo como Patrono da Arquidiocese; em 2010 foi realizado o Congresso de Leigos, com o tema “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo” (Mt5,13.14); e estes últimos dois anos (2011-2012) tiveram como destaque pastoral “Paróquia: comunidade de comunidades”, com a publicação da Carta Pastoral “Paróquia: torna-te o que tu és!” do Arcebispo Metropolitano.

4. Agora, no 11° Plano de Pastoral, a Arquidiocese orienta sua ação evangelizadora e pastoral dos próximos quatro anos na grande cidade de São Paulo, para despertar nos fiéis o ardor missionário, comprometido com a transmissão da fé e a promoção da vida e da dignidade da pessoa humana. Como acolher, despertar e motivar os jovens para a participação na vida e na missão da Igreja, tornando-os agentes da nova evangelização e testemunhas da esperança? Como celebrar os 50 anos do Concílio Vaticano II para despertar nos corações e nas estruturas eclesiais os valores preconizados pelo próprio Concílio Vaticano II, como a busca da santidade, a eclesiologia da comunhão, o diálogo com o mundo, a defesa da vida e a promoção da justiça e da paz?

5. São referências fundamentais para o 11° Plano de Pastoral a Palavra de Deus e o Catecismo da Igreja Católica, como pede o Papa Bento XVI na Carta Apostólica “Porta Fidei” (A Porta da Fé).

6. O 11° Plano, que dá continuidade ao caminho realizado pela Arquidiocese de São Paulo, tem também como referência o próprio 10° Plano de Pastoral “Discípulos-

missionários na cidade de São Paulo” (2009-2012), sobretudo na avaliação das situações que desafiam a vida e a ação da Igreja na Cidade; além do Projeto de Animação Missionária Permanente (PAMP) do Regional Sul 1 da CNBB, da Conferência de Aparecida, da Exortação Apostólica “Verbum Domini” do Papa Bento XVI (2010), das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015), da comemoração dos 50 anos do Concílio Vaticano II, do “Ano da Fé” (2012-2013) e da Jornada Mundial da Juventude de 2013, no Rio de Janeiro, com repercussão também em São Paulo.

2. Na fidelidade a Jesus Cristo

7. O Plano de Pastoral é um instrumento de orientação e trabalho, no qual a Arquidiocese, “testemunha de Cristo na cidade de São Paulo”, traduz a sua referência fundamental e constante a Jesus Cristo: Pastor, Mestre e Sumo Pontífice da Igreja, inteiramente devotado à glória do Pai e voltado para a salvação e a vida da humanidade.

8. A Igreja na Arquidiocese de São Paulo, “corpo missionário” de Cristo e testemunha do Reino de Deus, atenta e fiel à sua vocação e missão, sente-se enviada para esta Cidade, para lhe anunciar a Boa Nova com palavras e com a vida.

“Toda ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Jesus Cristo é nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir. Nele, com Ele e a partir d’Ele mergulhamos no mistério trinitário, construindo nossa vida pessoal e comunitária. Nisto se manifesta nosso discipulado missionário:

contemplamos Jesus Cristo presente e atuante em meio à realidade; à sua luz a compreendemos e com ela nos relacionamos, no firme desejo de que nosso olhar, ser e agir, sejam reflexos no seguimento, cada vez mais fiel, do Senhor Jesus. Não há, pois, como executar planejamentos pastorais sem antes pararmos e nos colocarmos diante de

Jesus Cristo” (DGAE 2011-2015, n.4).

9. O ensinamento do Papa Bento XVI na sua Carta Encíclica “Deus Caritas Est” (Deus é Amor) nos mostra a importância de pensar nossa ação pastoral, tendo os olhos fixos em Cristo, levando em conta sua prática e sua missão: “no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.

10. Toda ação pastoral não pode dispensar ou dar por suposto o encontro com Jesus Cristo, sem correr o risco de agir em vão, ou de construir sobre o vazio. Assim, toda ação pastoral deve ter como ponto de partida e meta o encontro com Jesus Cristo vivo e ressuscitado.

11. Neste encontro, a iniciativa é de Deus e da ação do seu Espírito Santo, que leva ao encontro com Jesus Cristo. É Ele, Jesus, que quer encontrar-se conosco. É Ele que nos procura pessoalmente para uma vida de amizade e comunhão conosco. É sempre Cristo que convida e por isso dá o primeiro passo. À pessoa humana sempre cabe a liberdade de aceitar ou recusar, acolher ou rejeitar a graça que o Senhor lhe concede.

12. A experiência de Paulo no caminho de Damasco é emblemática. Quando se refere a esse encontro pessoal com o Ressuscitado, Paulo fala de algo que o ultrapassa, que ele não foi capaz de produzir, que escapou às suas estratégias e meios. Trata-se de algo inexplicável.

13. Paulo diz ter sido “alcançado por Cristo” quando o perseguia e nem pensava em encontrar-se com Ele. Jesus foi atrás dele e entrou no seu caminho, mudando para sempre sua vida. Trata-se de uma graça estupenda e inimaginável, que só podemos suplicar e acolher com gratidão. Em Cristo e por Ele, Deus nos amou tanto, que assumiu a nossa natureza humana, nosso jeito. Jesus Cristo se fez pouco... fez-se pão... tornou-se o Crucificado; por amor, abaixou-se até parecer quase nada, em Belém e na cruz!

14. Nosso encontro com Cristo realiza-se a partir da Encarnação do Filho de Deus: com “Aquele que, sendo rico, se fez pobre para a todos enriquecer” (cf. 2Cor 8,9), com “Aquele que armou sua tenda entre os homens, o Filho único do Pai, cheio de amor e de verdade” (cf. Jo 1,14); com “Aquele que sendo de condição divina, não se fechou em si mesmo, mas se esvaziou até à morte e morte de cruz” (cf. Fl 2,5ss) e, à diferença das aves do céu e das raposas, “não tem sequer onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20).

15. Jesus Cristo é incessante e eterna entrega, dom de si para o outro. É contínuo convite ao seguimento, em meio às diferenças e desencontros. O encontro com Jesus é acolhimento da graça do Pai que, pela força do Espírito, revela o Salvador e atua no coração de cada pessoa, possibilitando-lhe esta resposta.

16. A vida de Jesus foi um contínuo serviço e entrega pela humanidade. Assim também o serviço e a gratuidade devem ser a marca da vida dos cristãos, discípulos missionários, em todos os tempos.

17. Serviço: Jesus, na força do Espírito Santo, vive em comunhão com o Pai e como “ser-para-os-outros”. Sua existência está voltada para o outro. Os muitos encontros de Jesus no Evangelho comprovam o quanto o outro é importante para Ele. Ninguém Lhe é indiferente, mesmo os que são diferentes dele. Todos são considerados por Ele. A partir de Cristo compreendemos a fraternidade que nos une: todos somos irmãos! A diferença do outro não pode ser motivo para afastar, mas para unir. O diferente torna-se sempre apelo ao encontro, ao diálogo, à partilha e ao intercâmbio de vida e solidariedade. A vida só se ganha na entrega, na doação. “Quem perder a sua vida, por causa de mim, a encontrará” (Mt 10,39).

18. Gratuidade: A existência de Jesus é graça. A sua lógica é a do gratuito. Ele sai de si, vai ao encontro dos outros, nada esperando em troca. Gratuidade está na lógica do dom, do dom sem reserva, sem esperar retribuição. É a lógica do samaritano que ultrapassa todos os limites e medidas quando precisa socorrer aquele que está abandonado à beira do caminho. Santo Agostinho, quando lê a parábola do bom samaritano, vê nele o Cristo que, descendo de sua cavalgadura divina, debruça-se sobre a humanidade espoliada de sua dignidade e abandonada à beira do caminho, coloca vinho e azeite nas suas feridas e confia-a à Igreja (hospedaria), prometendo recompensar todo o bem que lhe é feito.

19. Gratuidade e serviço são, portanto, modos de compreender o que há de mais decisivo em Jesus Cristo: a saída de si, rumo à humanidade marcada pelo pecado, fonte de dor e morte. Jesus nos mostrou que não se vence o mal com o mal (cf. Lc 11,14-22).

O mal é vencido pela graça derramada abundantemente no coração das pessoas, pela efusão do Espírito Santo.

20. A referência a Jesus Cristo não se esgota na perspectiva do dom e do encontro, mas vai além e leva a assumir seu jeito de ser, a imitá-lo e a identificar-se com Ele. Leva a colocar-se a serviço da sua tríplice missão messiânica de ensinar, santificar e pastorear, como paradigma para a vida e a ação da Igreja.

21. Na sua Carta Pastoral “Paróquia: torna-te o que tu és”, o Cardeal Dom Odilo afirma, referindo-se à paróquia:

“Na paróquia torna-se presente e se realiza a tríplice missão de Cristo – o anúncio da Boa Nova, a santificação da humanidade e o serviço pastoral – que é a razão de ser da vida e da ação de toda a Igreja e também de cada paróquia. Jesus Cristo continua vivo e presente no meio daqueles que estão congregados em seu nome; e entre eles continua a exercer sua missão no mundo; não sozinho, mas contando com a participação de todos os seus discípulos missionários, aos quais concede a assistência do seu Espírito”

(Carta Pastoral, nº 3).

22. Com o 11º Plano de Pastoral, na fidelidade a Jesus Cristo, a Arquidiocese de São Paulo quer imprimir em toda ação pastoral a preocupação de tornar visível Cristo Profeta, anunciador do Reino do Pai e da Palavra da Salvação; Cristo Sacerdote, Mediador da Nova Aliança, que em seu Corpo reconcilia os homens com Deus e entre Si; e Cristo Pastor, Aquele que dá a vida pelo seu rebanho.

23. Será, portanto, na fidelidade à pessoa e ao agir de Cristo, por obra do Espírito Santo, que a Igreja tornar-se-á anunciadora crível diante do mundo. À medida que se configura com Cristo e identifica-se com Ele, dócil à ação do Espírito Santo, a Igreja torna-se testemunha, sinal e presença dEle, entregando ao mundo o Evangelho que cura, transforma, salva e liberta aqueles que o acolhem.

24. A Virgem Maria, perfeita discípula do seu Filho, é a figura e a imagem da Igreja: totalmente identificada com o seu Filho, formada à sua imagem, Ela nos ajuda a sermos semelhantes a Jesus! Maria atua como educadora de pessoas novas, de discípulos missionários que, à sua semelhança, se abrem totalmente à ação de Deus, podendo dizer como São Paulo: “não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim!” (Gl 2,20; cf. DAp 269).

3. Diante das possibilidades e desafios

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma

verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (Gaudium et Spes, n. 1).

a) Possibilidades para a ação evangelizadora

25. A primeira parte do 10º Plano de Pastoral, que trata do Marco da Realidade, ainda tem grande atualidade e nos fala dos “sinais dos tempos”, que interpelam e exigem da Igreja uma resposta corajosa e eficaz.

26. Por maiores que sejam os desafios à ação pastoral, a Igreja tem a certeza de que vive um “tempo de graça”, uma ocasião propícia para o testemunho dos verdadeiros valores humanos e cristãos.

27. Se há o individualismo que isola as pessoas, a desigualdade entre pobres e ricos, as drogas que ceifam vidas, a violência que fere a dignidade humana, há também na Cidade um espaço de liberdade e de oportunidades. A cidade de São Paulo proporciona também o encontro entre as pessoas, oportunidade de trabalho, educação, cultura e progresso pessoal, a possibilidade de interagir e conviver melhor, de lazer e de estabelecer vínculos de fraternidade e solidariedade.

28. Na Metrópole é possível ver as marcas da exclusão nos rostos sofredores dos moradores de rua, dos migrantes, dos enfermos, dos dependentes químicos e detidos em prisões (cf. DAp 407-430). Mas, por outro lado, em ações do poder público, organizações não governamentais, entidades, organismos e pastorais da Igreja, aparece a beleza da solidariedade, o sonho da caridade que fala fortemente do Deus que habita esta cidade.

29. Na cidade de São Paulo é possível reconhecer, na multidão dos trabalhadores que cuidam do dia-a-dia dos cidadãos, na ação dos bombeiros, do pessoal da limpeza, do transporte, da saúde, da educação, da segurança, das comunidades eclesiais de base, das pastorais, das entidades sociais e filantrópicas, das novas comunidades e dos movimentos, os sinais da vitória da vida sobre a morte e do amor sobre o ódio, reflexo da ressurreição do Senhor.

30. Na vida e na ação de milhares de cristãos leigos e leigas, de catequistas, de padres, de diáconos, de religiosos e religiosas, de consagrados e consagradas, de bispos, o Espírito de Deus alimenta a fé, desperta a esperança e faz frutificar a caridade. Tantos são os que dedicaram e dedicam suas vidas à defesa dos mais pobres, à promoção da dignidade humana, ao serviço dos mais vulneráveis! Eles tornam-se, na grande Cidade, sinais luminosos de Cristo que, por amor, continua a entregar sua vida por todos.

31. A arquidiocese de São Paulo possui um grande número de paróquias e comunidades menores dentro delas, de Comunidades de Vida Consagrada e de Sociedades de Vida Apostólica, de seminários, de conventos, de casas de formação religiosa, de escolas, de colégios e faculdades ligadas à Igreja; possui uma variada organização do laicato, de novas Comunidades e outras Associações de fiéis: tudo isso representa uma imensa riqueza eclesial, que tem um potencial enorme para testemunhar Jesus Cristo, presente na Cidade de São Paulo.

“A Igreja tem como missão própria e específica comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas, anunciando a Palavra, administrando os sacramentos e praticando a caridade. É oportuno recordar que o amor se mostra mais nas obras do que nas palavras, e isso vale também para nossas palavras nesta V Conferência. “Nem todo

aquele que diz Senhor, Senhor...”(cf. Mt 7,21). Os discípulos missionários de Jesus Cristo têm a tarefa prioritária de dar testemunho do amor a Deus e ao próximo com obras concretas. Dizia Santo Alberto Hurtado: “Em nossas obras, nosso povo sabe que compreendemos sua dor” (DAp 386).

b) Desafios para a ação evangelizadora

32. Para responder aos desafios da secularização e do indiferentismo religioso que permeiam nossa época, urge despertar a fé de quantos não crêem e dos que abandonaram a fé, através da formação de evangelizadores para o kerygma, que torna atual o anúncio da salvação realizada por Jesus.

33. A cidade de São Paulo possui um acervo cultural extraordinário, mas muitos ainda não têm acesso ao “mundo” da cultura e da educação, principalmente grande parte dos adolescentes e jovens que não têm possibilidade de terminar o ensino médio.

34. Embora esteja situado em São Paulo um dos maiores mercados financeiros da América Latina, a cidade ainda convive com a triste realidade da exclusão social. Apesar de os índices recentes apontarem para uma ascensão social da classe B ou C, a pobreza, como um cinturão, está nas periferias e em alguns espaços do próprio centro da Metrópole.

35. A cidade de São Paulo concentra um grande número de partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos e organizações não governamentais de diferentes matrizes ideológicas, em jogo no processo democrático; entretanto, ainda há pouca formação política dos cidadãos e, nas classes políticas, não são poucos os casos de corrupção, domínio de grandes grupos econômicos e abuso de autoridade, levando a população ao descrédito na política.

36. O aumento da violência urbana, que gera o medo e isola as pessoas, revela a ineficácia do Estado e a sua incapacidade de coibir a violência e vencer o crime organizado. Em muitas áreas da cidade, o crime organizado e o tráfico ocupam os espaços onde não há a presença do Estado, oferecendo à população serviços em troca do silêncio e do compadrio, até daqueles que deveriam combater os crimes.

37. A exploração imobiliária desordenada privilegia famílias de condição social mais elevada e coloca famílias mais humildes em condições habitacionais precárias. Será de grande importância ajudar a criar políticas públicas que possibilitem às populações de áreas mais distantes ou de áreas de risco, alcancarem condições dignas de habitação e acesso ao trabalho.

38. Jovens são vítimas fáceis do mercado da droga e da violência, da dificuldade no acesso ao primeiro emprego, da falta de oportunidades de educação de qualidade, de recreação saudável, entretenimento e lazer de fácil acesso.

39. A lógica do consumismo tende a excluir os pobres, pessoas com deficiência, doentes e idosos, que acabam perdendo seu lugar social, pois são avaliados somente pelo que possuem ou aparentam possuir. Enfatiza-se o consumo como uma aspiração humana,

fortalecem-se o pragmatismo e o exibicionismo (cf. DAp 50-51), levando à deterioração do tecido social (cf. DAp 78).

40. Com o individualismo nas decisões e o anonimato nas relações, as pessoas tendem a isolar-se e a viver no seu mundo. O futuro é incerto e, portanto, valem o aqui e o agora. Sobretudo os jovens agarram-se ao presente, como se o passado não existisse.

41. Os Meios de Comunicação são instrumentos poderosos e agentes determinantes para fazer o bem, para buscar e fazer circular a verdade, para garantir o direito, a cidadania, a liberdade, a solidariedade, para formar a opinião pública e exercer influência na consciência das pessoas. Porém não poucas vezes criam ou destroem sonhos irreais, estimulam o fascínio pelo dinheiro, pelo poder e pela fama.

42. Embora a internet e as novas tecnologias de comunicação possam ser instrumentos eficazes para construir a fraternidade, a aproximação das pessoas de bem, a partilha daquilo que é bom e belo, muitas vezes elas realçam a violência, a destruição da vida, os comportamentos e atitudes antiéticas e criminosas.

43. A “ética do mercado” e do lucro se impõe. A política, a religião, as práticas de solidariedade, o conhecimento, a ciência, se tornam mercadoria. O indivíduo se julga com o direito absoluto à felicidade, como bem privado. As uniões passageiras, a separação entre casamento e procriação, as parcerias conjugais do mesmo sexo, debilitam as relações humanas e familiares; o aborto tornou-se questão de ideologia e de marketing.

44. As políticas sociais na cidade, apesar de contribuírem para ampliar as oportunidades e integrar os indivíduos, não conseguem romper as barreiras da desigualdade social, da miséria e suas implicações. Uma das razões é o desvio dos recursos destinados às políticas sociais, cujos benefícios nem sempre chegam aos mais necessitados na cidade.

45. A degradação do meio ambiente, favorecida por grandes projetos viários, compromete cada vez mais a qualidade de vida dos paulistanos, colocando em risco reservas ambientais. Embora haja um crescimento da consciência e responsabilidade ambiental, ainda é grande a dificuldade para perceber que os impactos ambientais e sociais estão intimamente ligados entre si e a ameaça ao meio ambiente coloca em risco a vida da população.

46. A família continua a ser o grupo mais atingido pelas mudanças, pelo individualismo e o subjetivismo, pela perda das referências cristãs e éticas. Questões importantes para a vida e a dignidade da família são tratadas com descaso e até desprezo, como o casamento estável entre um homem e uma mulher, a liberdade na educação dos filhos, a transmissão da fé às novas gerações, a defesa da vida ainda no ventre materno, a sustentação da vida em fase terminal.

47. As relações humanas sofrem com as inversões de valores e descaracterizam a afetividade e a sexualidade humana. As uniões tornam-se cada vez mais passageiras e fragmentadas, as separações provocam sofrimento aos esposos e aos filhos. A afetividade não amadurecida e mal orientada prejudica as relações humanas de crianças, jovens, adultos e idosos; conseqüências disso são a banalização da sexualidade, os abusos sexuais, a gravidez precoce, a transmissão de doenças, o abuso de

medicamentos. Casamentos frustrados e casais em segunda união são uma realidade sempre mais freqüente, que desafia a ação pastoral da Igreja; da mesma forma, as “parcerias” do mesmo sexo contradizem o desígnio de Deus sobre a pessoa humana, a família e o matrimônio, e requerem uma atenção especial.

48. O drama da saúde pública é vivido cotidianamente por grande parcela da população, que aguarda ansiosamente por uma consulta, exames médicos, cirurgias, internações, terapias especializadas. Apesar de ter havido melhora em muitos serviços à saúde da população, em muitos bairros da cidade ainda é dramática a situação do atendimento à saúde. Os recursos destinados à saúde pública são insuficientes para as necessidades da população.

c) Desafios eclesiais na Arquidiocese de São Paulo

49. Tornou-se comum uma religiosidade descompromissada com o ser humano e a dimensão eclesial e comunitária da fé, por meio de propostas religiosas alienantes, fruto do individualismo e do relativismo exacerbados. A falta de convicções fundamentadas na Palavra de Deus, a avidez com que supostos líderes religiosos exploram a boa fé e as fragilidades das pessoas, a superficialidade na transmissão da fé cristã às novas gerações, a pouca convicção em matéria de fé da parte dos próprios fiéis católicos, tudo isso torna urgente uma ação evangelizadora mais consistente para aprofundar a fé e levar à conversão e à transformação da vida das pessoas.

50. Num mundo em que se dá mais atenção às testemunhas do que aos pregadores, é de grande importância que os fiéis cristãos saibam dar “as razões de sua esperança”, através da vida coerente com a fé, do conhecimento aprofundado da Palavra de Deus e do conteúdo da própria fé.

51. À medida que os anos avançam, verifica-se uma diminuição das vocações ao sacerdócio e à consagração de vida. Ainda são poucas as paróquias que têm um serviço de animação vocacional (SAV) organizado, pelo qual padres, fiéis leigos, religiosos e religiosas se empenham em despertar nos jovens a vocação e trabalham para ajudá-los no discernimento necessário para reconhecer e responder ao chamado do Senhor.

52. Com a realização do Congresso de Leigos, em 2010, foram muitas as iniciativas para despertar no laicato da Arquidiocese a consciência da sua vocação e da sua missão; entretanto, resta o desafio da formação dos leigos para que, numa eclesiologia de comunhão, estejam preparados e orientados a difundir a mensagem divina da salvação a todos, em especial nos ambientes em que as pessoas não podem ouvir o Evangelho nem conhecer a Cristo, a não ser através dos leigos. Merece estímulo a associação dos leigos por categorias profissionais, visando fortalecer o empenho comum na evangelização e testemunho cristão nos âmbitos que lhes são comuns.

53. A constante migração de fiéis católicos para outros grupos religiosos, em busca de solução rápida para os seus dramas, ou para obter respostas mais consistentes à sua busca de fé, deve ser vista como um grande apelo à nossa Igreja para um maior empenho na formação dos fiéis na fé católica com base na Palavra de Deus, no Catecismo da Igreja, nas orientações da Igreja e no testemunho dos santos. Somente com um autêntico e entusiasmado testemunho de fé, alimentado pela oração e sustentado pelo exemplo de tantos cristãos, que se tornaram santos, acompanhado de

um renovado espírito missionário e capacidade de acolhida, é que nossas Comunidades poderão ajudar os que se encontram na dúvida e no cansaço a redescobrirem a beleza da fé católica.

54. No contexto urbano, a importância do Domingo fica obscurecida e o povo perde a motivação para frequentar a Igreja. Urge incentivar, de forma efusiva, criativa e dinâmica, os católicos a frequentarem aos Domingos as suas Comunidades, para o encontro com o Senhor Ressuscitado presente na Eucaristia, na Palavra e na comunhão fraterna.

55. Na cultura do “descartável”, não são poucos os casais que, fragilizados pela pouca formação cristã, pela forte mentalidade individualista e a falta de valores mais aprofundados, dissolvem com facilidade a união conjugal, celebrada e tornada Sacramento pelo Matrimônio cristão. Os dados estatísticos mais recentes sobre a recepção dos Sacramentos são preocupantes e revelam uma queda considerável do número dos que se preparam e recebem os Sacramentos do Batismo, da Crisma, da Eucaristia e do Matrimônio. Tudo isso desafia as paróquias e a Pastoral Familiar e Movimentos Eclesiais voltados às famílias, no acompanhamento dos casais e famílias, para viverem sua união matrimonial e a vida em família na graça do Senhor, e para comunicarem às novas gerações o maravilhoso tesouro da fé. Por outro lado, há o imenso desafio de uma boa pastoral dos Sacramentos de iniciação à vida cristã e dos demais Sacramentos.

56. A fragmentação e a fragilização dos valores humanos e cristãos levam a uma grave deterioração dos costumes. A honestidade pessoal e a moralidade pública vão se pautando pelos interesses pessoais ou de grupos, prescindindo do fundamento ético e moral sólido. A consciência moral é determinada, muitas vezes, pelos fortes apelos da mídia, onde prevalece o que é “politicamente correto”, sem o compromisso com a verdade e a justiça. Para muitos, a palavra da Igreja, no que diz respeito à fé e à moral, soa como agressão ao indivíduo e sua liberdade. A vida humana passa a ser vista com olhar utilitarista, e o ser humano, ainda no ventre materno, já é desamparado e visto como mera e frágil possibilidade: sua dignidade e sua vida são banalizadas e ameaçadas por leis permissivas, como a legalização do aborto.

57. A Igreja de São Paulo vê-se ainda muito aquém do uso adequado das muitas formas de comunicação social, para comunicar-se melhor com toda a cidade e até mesmo no seu âmbito interno. O imperativo de evangelizar pelos meios de comunicação traz o desafio de apoiar, sustentar, aprimorar o uso e promover mais os meios de comunicação, o trabalho da PASCOM em todos os níveis e a formação de pessoas para atuarem neste campo.

58. São desafios à missão evangelizadora da Arquidiocese de São Paulo a pobreza e a falta de estruturas mínimas de muitas Comunidades da periferia, onde a Igreja precisa estar presente e manter estruturas que favoreçam a ação exemplar e profética do clero e dos agentes de pastoral. A falta de condições materiais sugere o estabelecimento de vigorosos laços de solidariedade entre comunidades e paróquias, num intercâmbio de bens e forças que não deixe faltar a ninguém, sobretudo aos pobres, o anúncio do Evangelho e seus valores de justiça e defesa dos pequenos e marginalizados. Experiências bem sucedidas de parcerias, como as “paróquias-irmãs”, precisam se

propagar por toda a Arquidiocese. Paróquias e Comunidades já estruturadas precisam ajudar outras que ainda carecem de meios adequados para sua vida e ação pastoral.

59. Constata-se a insuficiente presença física da Igreja em muitas áreas da cidade. A ausência da Igreja, com seus templos, capelas e centros comunitários, favorece ainda mais o distanciamento das pessoas de uma vida eclesial participativa e testemunhal. A acelerada movimentação do mercado imobiliário e o surgimento de novos e grandes empreendimentos habitacionais requerem uma ação atenta e corajosa para tornar a Igreja visivelmente presente nessas áreas e para a formação de novas Comunidades e Paróquias. Também isso requer partilha de bens das Paróquias, para reunir os recursos necessários e manter viva a presença da Igreja em novas áreas de urbanização.

4. Fiel à vocação de evangelizar!

60. Diante do cenário desafiador em que se encontra a Igreja Católica na cidade, ela coloca sua fé e confiança no Senhor Ressuscitado, que jamais desampara os seus discípulos. Se são numerosos os desafios, não são poucos os sinais de esperança, que levam a Igreja em São Paulo a abraçar com novo ardor sua vocação e missão!

61. Os Apóstolos Pedro e João, interpelados pelo mendigo na porta do Templo, respondem: “Nem ouro nem prata possuo, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda!” (At 3,6). Assim, os bispos da América Latina e do Caribe, reunidos em 2007 na Conferência de Aparecida, afirmaram, diante da realidade desafiadora latino-americana para a evangelização no Continente: “não temos outro tesouro, a não ser este; não temos outra felicidade, nem outra prioridade, senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências” (cf DAp 14).

62. À primeira vista, pode parecer uma resposta vaga, mas ela contém a mais profunda verdade: em Jesus Cristo, todo homem e todos os homens encontram a vida. No encontro com Ele, os olhos se abrem, os ouvidos se descerram, as paralisias são vencidas. Nele o coração da humanidade se abre ao amor verdadeiro, aquele amor que faz reconhecê-Lo no irmão que sofre (cf. Mt 25,31-46) e servir sem esperar recompensa.

“[...] Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-Lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus Cristo ressuscitado, podemos e queremos contemplar o mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do Caribe, e cada um dos seus habitantes” (DAp 18).

63. Movida pela fé em Jesus Cristo, a Igreja de São Paulo reconhece que a sua vocação é evangelizar e testemunhar o amor de Deus e a salvação por meio de Jesus Cristo a todas as pessoas nesta cidade.

“Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa Missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição” (Evangelii Nuntiandi, n.14).

64. Falando da natureza da Evangelização, o Papa Paulo VI afirmou com sabedoria que o potencial evangelizador da Igreja é capaz de “modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação” (Evangelii Nuntiandi, n. 19).

65. O Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, definido nas Diretrizes Gerais aprovadas pela 49ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil (CNBB), em maio de 2011, é o seguinte:

EVANGELIZAR, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.

66. Portanto, este também é o objetivo geral para a ação evangelizadora na Arquidiocese de São Paulo, com uma conotação particular: a “conversão pastoral”, para que a Igreja em São Paulo possa cumprir sua vocação e missão nesta cidade imensa e complexa, mas cheia de possibilidades.

67. A conversão pastoral, antes de tudo, é uma decisão e uma nova postura missionária, que deve impregnar todas as estruturas eclesiais da Arquidiocese: o 11º Plano de Pastoral, a vida das paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja em São Paulo. Nenhuma comunidade deve deixar de entrar decididamente, com todas as forças, nesse processo constante de renovação missionária (cf DAp 365). “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação, passando a uma pastoral decididamente missionária. Assim será possível que o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, como casa acolhedora, como escola permanente de comunhão missionária” (DAp 370).

68. Na Carta Pastoral “Paróquia: torna-te o que tu és!”, Dom Odilo afirma: “Uma coisa é certa: o futuro de nossa Igreja e da paróquia depende do nosso ânimo missionário hoje. Por isso mesmo, a preocupação missionária não pode deixar de colocar seu foco na formação religiosa das crianças e dos jovens, atraindo-os, ajudando-os a se sentirem parte da comunidade eclesial, formando-os nas riquezas da fé e nos caminhos da vida cristã. Os casais e as famílias católicas devem merecer toda a atenção e apoio para que façam de seus lares verdadeiras células de vida cristã; elas são a “primeira escola da fé” para as novas gerações (cf. DAp n. 302). Um grande trabalho missionário será realizado quando os pais cristãos fizerem bem a sua parte, iniciando os filhos nas coisas da fé e introduzindo-os na vida da Igreja” (Carta Pastoral, p. 27).

II PARTE - URGÊNCIAS NA AÇÃO EVANGELIZADORA E PASTORAL

69. No esforço de ser fiel à sua história, buscando uma maior fidelidade a Jesus Cristo e, atenta às imensas possibilidades que a cidade de São Paulo lhe proporciona para evangelizar, não obstante os desafios que muitas vezes são angustiantes, a Arquidiocese de São Paulo, através do 11º Plano de Pastoral, deseja apontar pistas para desencadear uma ação audaz, decidida e comprometida com o Evangelho, onde todos os seus

membros sintam-se corresponsáveis e participantes da sua missão, no lugar e tarefa que lhes são próprios.

70. A premissa fundamental para a escolha e a elaboração das propostas pastorais e seus respectivos projetos é evangelizar bem e formar discípulos missionários conscientes de que a conversão pastoral é o caminho necessário para a realização deste objetivo.

“Uma verdadeira conversão pastoral deve estimular-nos e inspirar atitudes e iniciativas de auto-avaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações. Temos necessidade urgente de viver na Igreja a paixão que norteia a vida de Jesus Cristo: o Reino de Deus, fonte de graça, justiça, paz e amor. Por esse Reino, o Senhor deu a vida” (DGAE 2011-2015, n.26).

71. A partir da conversão pastoral e missionária, entende-se a importância das urgências pastorais: são urgências na evangelização. Tendo consciência da sua missão de transmitir e dar um alicerce sólido à fé, a Igreja do Brasil destaca cinco urgências na evangelização, às quais a Arquidiocese de São Paulo acrescenta uma sexta, relacionada à juventude:

Primeira urgência: Igreja em estado permanente de missão; Segunda urgência: Igreja - casa da iniciação à vida cristã; Terceira urgência: Igreja - comunidade animada pela Palavra de Deus; Quarta urgência: Igreja - comunidade de comunidades; Quinta urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos; Sexta urgência: A Igreja e a evangelização dos jovens.

72. Ao adotar as seis urgências como o roteiro para sua ação pastoral evangelizadora, a Arquidiocese de São Paulo quer ampliar o esforço já existente nas comunidades paroquiais, nos movimentos e organismos eclesiais, “na busca e no encontro de caminhos para a transmissão e o fortalecimento da fé” (DGAE 2011-2015, n.28).

73. Estas urgências, embora tratadas particularmente, estão profundamente ligadas entre si, de modo que, assumir uma delas, exige assumir as demais. Na elaboração dos programas pastorais para os próximos anos, será importante fazer “muito mais do que um cronograma de ações ou um elenco de atividades pontuais e dispersas. As ações e programas pastorais específicos devem evitar a dispersão (cf. DGAE 2011-2015, n. 136).

74. Em cada uma das urgências são apresentadas, a seguir, algumas indicações, considerando a realidade pastoral da Arquidiocese, e um elenco de projetos pastorais a serem implementados pelos diversos sujeitos pastorais da Arquidiocese: paróquias, comunidades, setores pastorais, regiões episcopais, movimentos, associações e organismos eclesiais e coordenações arquidiocesanas.

Primeira urgência: Igreja em estado permanente de missão

75. “A atual consciência missionária interpela os católicos a irem ao encontro das pessoas, famílias, comunidades e povos, para lhes comunicar e compartilhar o dom da

fé, no encontro com Cristo. Estamos num tempo de urgente saída ”em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra”, um tempo de esquecer o que ficou para trás e correr em busca d’Aquele que já nos alcançou (cf. Fl 3,12-14), um tempo que deve levar a uma forte comoção missionária” (DGAE 2011-2015, n.31).

76. Grande valor e importância tem o testemunho! “A própria comunidade cristã precisa ser, ela mesma, anúncio, pois o mensageiro é também mensagem” (n.76). Daí a necessidade de valorizar a responsabilidade pessoal. As instituições e tradições são julgadas com base na ação dos indivíduos, por aquilo que sentem, pensam e fazem.

77. Além disso, é necessário que todas as estruturas pastorais estejam fortemente marcadas pela “consciência missionária” (DAP n. 365) que, sem desprezar o rico patrimônio de fé e religiosidade da vida das comunidades, leve a novas iniciativas e maior criatividade no anúncio e na transmissão da fé.

78. A dimensão missionária não é, portanto, mais uma realidade a ser trabalhada, mas é a exigência que deve estar presente em tudo o que se faz. As iniciativas, preocupações e programas pastorais devem estar impregnados pelo anseio e o compromisso de anunciar Jesus Cristo!

79. Indicações pastorais:

1. Cada sujeito eclesial (ministros ordenados, religiosos, cristãos leigos, comunidades, paróquias, pastorais, movimentos, grupos e organismos eclesiais) deve localizar quais os grupos, pessoas ou categorias sociais que merecem atenção especial, para lhes dar prioridade no trabalho de evangelização (cf. n.78). É preciso ir ao encontro deles, em todos os ambientes. Esta “atenção especial” pode se concretizar na formação de associações de fiéis por categorias profissionais, na criação de comunidades ambientais, ações concretas de solidariedade junto às pessoas que estão em situação de privação de liberdade, com pessoas em situação de rua, adolescentes em conflito com a lei, migrantes, refugiados etc.

2. Missões populares, com períodos de forte envolvimento dos agentes de pastoral durante o ano, visando ambientes, áreas e grupos, para um anúncio claro da pessoa, da mensagem e da redenção de Cristo e da alegria de ter fé e de ser parte da Igreja.

3. Visitas domiciliares e a outros ambientes, levando, com o anúncio explícito do Evangelho, o convite para a participação na vida das comunidades eclesiais.

4. Ação ecumênica, através de momentos de oração em comum, ação social, estudos bíblicos e teológicos, valorizando a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; ao mesmo tempo, promover iniciativas com outras Igrejas cristãs, como a Campanha da Fraternidade Ecumênica, tendo em vista os valores evangélicos da fraternidade, da reconciliação e da paz entre “os homens e mulheres de boa vontade”.

5. Diálogo inter-religioso, para “o encontro fraterno e respeitoso com os seguidores de religiões não cristãs e com todas as pessoas empenhadas na promoção da justiça e na construção da fraternidade”; destaque que merece o diálogo com os judeus e os muçulmanos, irmãos de fé no Deus Uno; e também com as expressões religiosas dos afrodescendentes e indígenas, e com os ateus (cf. n.83). Com esses grupos, podem-se

organizar trabalhos em conjunto pela defesa da vida humana e do meio ambiente, sem perder a identidade da própria fé.

6. Envolvimento das congregações religiosas masculinas e femininas nas iniciativas missionárias realizadas nas paróquias e promovidas pela Arquidiocese.

7. Missão “ad gentes”, oferecendo colaboração missionária através do envio missionário de agentes e disponibilização de recursos às regiões do mundo onde a presença dos cristãos é pequena, ou onde a realidade exige uma ação missionária mais determinada. Neste sentido, realizar o “mês missionário” (outubro), com a coleta para as missões.

8. Organização de grupos missionários jovens, de leigos e de profissionais voluntários em áreas e regiões de missões.

9. Confecção e distribuição de folhetos querigmáticos e com orações e passagens bíblicas, para os presídios situados no âmbito paroquial, bem como para os doentes nos hospitais e nas casas.

10. Formação dos Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão (MESC) com maior especificidade para sua missão de levar a Palavra de Deus e a Sagrada Comunhão para enfermos, fortalecendo-os na fé.

Segunda urgência: Igreja – Casa da iniciação à vida cristã

80. “A fé é dom de Deus! “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” [Bento XVI, DCE,n.1]. Por sua vez, este encontro é mediado pela ação da Igreja, ação que se concretiza em cada tempo e lugar, de acordo com o jeito de ser de cada povo, de cada cultura” (DGAE 2011-2015, N.37).

81. A adesão a Jesus Cristo implica sempre no anúncio, na apresentação, no testemunho, na proclamação da Palavra de Deus. Cada época tem exigências próprias para que o anúncio de Jesus Cristo se torne eficaz. Se no passado o primeiro contato das pessoas com a Pessoa e a mensagem de Jesus Cristo se dava na família, ou mesmo na sociedade que se confessava “cristã”, hoje não se pode mais dar a fé por pressuposta.

“Tal pressuposto, não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade, devido a uma profunda

crise de fé, que atingiu muitas pessoas” (Bento XVI, Porta Fidei, n.2).

82. Por isso, é necessário “desenvolver, em nossas comunidades, um processo de iniciação à vida cristã que conduza a um encontro pessoal cada vez mais profundo com Jesus Cristo” (n.40).

83. A iniciação cristã não se realiza numa única vez na vida de cada pessoa, nem se esgota na preparação para os Sacramentos da Iniciação Cristã; ela deve ser ratificada e

fortalecida inúmeras vezes, tantas quantas o dia-a-dia exigir. Assim, as comunidades devem tornar-se mistagógicas por excelência, ou seja, preparadas para ajudar que o encontro com Jesus Cristo se faça e refaça permanentemente (cf. n.41).

84. Tornar a iniciação cristã uma característica da ação evangelizadora e, conseqüentemente, das comunidades eclesiais, implica rever atitudes, horários, estruturas e, até mesmo, o perfil do agente evangelizador, que deverá servir como “ponte” entre o “candidato” à fé e a comunidade que o acolhe e acompanha.

85. Indicações pastorais:

1. Em todas as paróquias e comunidades haja uma pastoral catequética vigorosa, com catequistas bem formados e em número suficiente; que haja suficientes espaços para a catequese; que nenhuma criança e adolescente de família católica fique sem a catequese para os Sacramentos de iniciação à vida cristã.

2. Pregação assídua e sistemática sobre os temas da fé e da moral, de maneira que a doutrina da fé católica e os mistérios da fé cristã sejam anunciados a todos, conhecidos e amados.

3. Atendimento personalizado das pessoas, através da acolhida, diálogo interpessoal, reflexão sobre a experiência de vida, no respeito à liberdade de cada pessoa.

4. Destaque para o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão. Sendo a comunidade eclesial o lugar da educação na fé, o processo formativo não pode se reduzir a cursos, pois exige a participação na vida da comunidade.

5. Atenção especial para a formação dos leigos, para favorecer o interesse e a participação de um maior número de pessoas na vida e missão da Igreja, servindo-se, para isso, dos recursos dos meios de comunicação, das possibilidades oferecidas pelas mídias sociais e pelas novas formas de educação.

6. Celebração intensa do ANO DA FÉ proclamado pelo Papa Bento XVI para o período de 11/10/2012 a 24/11/2013, a partir da Nota com indicações pastorais da Congregação para a Doutrina da Fé, de 5 de janeiro de 2012, e da Carta Pastoral do Arcebispo de São Paulo sobre o Ano da Fé. Estudo mais aprofundado do Catecismo da Igreja Católica (ou do seu Compêndio), do YouCat (Catecismo Jovem), pois o conhecimento doutrinal é essencial para a vida de fé: sem saber o que se crê, não dá para saber o que viver, o que testemunhar e o que celebrar.

7. Formação e acompanhamento na fé do cristão adulto, com o aprofundamento e comunicação constante da fé integral, seja no interior das paróquias e comunidades, como também nas próprias famílias e nas instituições católicas. Também intensificar a educação e a formação na fé das crianças, adolescentes e jovens (Escolas Católicas, Universidades etc), de modo que os católicos bem formados sejam capazes de “dar as razões de sua esperança”, conhecendo e amando a sua fé. Valorizar a participação na Liturgia, na Missa dominical e nos Sacramentos, a fonte e o ápice da vida cristã.

8. Estímulo e acompanhamento dos jovens em seu processo de educação na fé e na elaboração de um projeto de vida.

9. Formação bíblico-teológica: As Regiões Episcopais, Setores e as Faculdades de Teologia ofereçam cursos de formação bíblica e teológica para pessoas que estão à frente de trabalhos pastorais e movimentos, e para as pessoas que queiram aprofundar seus conhecimentos bíblicos e teológicos, para o serviço pastoral das comunidades.

10. Programa de Catequese Familiar, no qual os pais, orientados por catequistas devidamente preparados, ajudam no preparo dos seus filhos para a primeira Eucaristia e, assim, revivem sua fé, ao recordar ou viver a experiência do kerigma.

11. Formação de catequistas atentos à realidade, a partir da Doutrina Social da Igreja, para que contribuam para cultivar a fé encarnada, a relação fé e vida, favorecendo a vivência comunitária da fé, de modo que os católicos estejam preparados para testemunhar Jesus Cristo na cidade.

Terceira urgência: Igreja – comunidade animada pela Palavra de Deus

86. “Na alvorada do terceiro milênio, não só existem muitos povos que ainda não conheceram a Boa-Nova, mas há também muitos cristãos que têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem experimentar concretamente a força do Evangelho [...]; particularmente as novas gerações têm a necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial.” (Bento XVI, *Verbum Domini*, nn.96.97)

87. Hoje, compreende-se que não basta um contato casual e momentâneo com a Palavra de Deus. Ao contrário, este contato tem que ser profundo e vivencial, onde as pessoas sejam levadas a ver a própria vida à luz da Palavra e, assim, possam empenhar-se por colocá-la em prática efetivamente.

88. Trata-se de acolher a Palavra com a Igreja e na Igreja, superando uma leitura isolada. Por isso, é preciso favorecer a leitura da Palavra de Deus na comunhão com muitos irmãos e irmãs que se alimentam da Palavra e se esforçam por aprofundá-la nas famílias, nos pequenos grupos, nas comunidades eclesiais de base, nos encontros dos movimentos e organismos eclesiais, e nas novas expressões de vida consagrada.

89. Importância especial tem a Leitura Orante da Palavra de Deus, por meio da qual o leitor pode aproximar-se do Deus da Palavra, superando a dicotomia entre fé e vida, com o método da leitura, meditação, oração e contemplação da Palavra de Deus.

90. A animação bíblica da pastoral é o esforço de iluminar com a Palavra de Deus toda a vida através do conhecimento e da interpretação, da comunhão e da oração com a Palavra e da evangelização e proclamação da Palavra de Deus (cf. n. 53).

91. Indicações pastorais:

1. Colocar a Bíblia nas mãos de todos, especialmente dos mais pobres; oferecer, em lugares cada vez mais numerosos, ocasiões para que as pessoas sejam ajudadas a ler corretamente a Escritura e a interpretá-la com a fé da Igreja.

2. Impulsionar a animação bíblica da pastoral, com agentes e equipes preparados, fazendo da Igreja “escola de interpretação da Palavra, escola de comunhão e oração com a Palavra e escola de evangelização e proclamação da Palavra” (DAp n.248; VD n. 73).
3. Despertar e fortalecer em todos os níveis da ação evangelizadora (paroquial, setorial, regional e arquidiocesano) a animação bíblica da pastoral, com o objetivo de aproximar cada pessoa da Palavra de Deus, para conhecê-la e interpretá-la corretamente, através de retiros, cursos, encontros, subsídios para a leitura individual, familiar e em pequenos grupos.
4. Apoiar e investir nos grupos de famílias, círculos bíblicos e pequenas comunidades, que se reúnem para a meditação e vivência da Palavra, em estreita relação com a realidade das pessoas e com o meio em que vivem.
5. Favorecer o conhecimento da Palavra de Deus nos ambientes secularizados e entre os não crentes, assim como nas escolas e universidades, sobretudo através da educação religiosa; promover manifestações artísticas inspiradas na Sagrada Escritura e a utilização dos novos meios de comunicação social, especialmente a internet e as redes sociais.
6. Realizar nos encontros paroquiais das comunidades eclesiais, movimentos e organismos eclesiais, a Lectio Divina, com os seus quatro momentos – leitura, meditação, oração, contemplação –, que favorecem o encontro pessoal com Jesus Cristo, Verbo de Deus que se revelou ao mundo.
7. Investir na formação continuada dos ministros e ministras da Palavra de Deus, cuidando da sua adequada formação para exercício do múnus de leitor na celebração litúrgica, capacitando-os bíblica, litúrgica e tecnicamente.
8. Propiciar a sacerdotes, seminaristas, religiosos e religiosas, leigos e leigas a oportunidade de formação litúrgica e musical mais aprimorada, de maneira que possam organizar e orientar a prática musical e transmitir às comunidades animação e beleza nas celebrações.
9. Valorizar muito a homilia, que atualiza a mensagem da Palavra de Deus, para que os fiéis sejam levados a descobrir a presença do Deus que lhes fala no momento atual de suas vidas.
10. Destacar, nas comunidades, a leitura e reflexão da Constituição Dogmática “Dei Verbum”, do Concílio Vaticano II, tendo em vista a comemoração dos 50 anos do Concílio, e da Exortação Apostólica “Verbum Domini”, de Bento XVI (2010).
11. As paróquias e comunidades ofereçam aos fiéis oportunidades para retiros espirituais fundamentados na Palavra de Deus, criando e cultivando nos católicos uma mística e espiritualidade bíblica.

Quarta urgência: Igreja – comunidade de comunidades

92. “A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja, que deve refletir a Santíssima Trindade (Dap n.304). Sem vida em comunidade, não há como viver efetivamente a proposta cristã, isto é, o Reino de Deus. A comunidade acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta.” (DGAE 2011-2015, n. 56).

93. Ao destacar a importância da dimensão comunitária da vivência da fé, não se pode ignorar que hoje existem comunidades trans-territoriais, ambientais e afetivas. Entretanto, é na paróquia que a maioria das pessoas se relaciona com a Igreja. Por isso, as paróquias “precisam tornar-se sempre mais comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus” (n.57).

94. Com o Destaque Pastoral “Paróquia: comunidade de comunidades” assumido na Arquidiocese nos anos 2011-2012, cresceu a consciência sobre a importância da paróquia, “comunidade dos discípulos missionários”.

95. A Carta Pastoral do Cardeal Arcebispo Dom Odilo P. Scherer ajudou a tomar consciência de que “a paróquia é, na expressão local e concreta, aquilo que a Igreja é no seu todo. Na paróquia, a Igreja manifesta de maneira próxima e perceptível sua vida e sua missão; ela é uma comunidade organizada de batizados, de bens espirituais, simbólicos e materiais, de organizações e iniciativas, que fazem a Igreja acontecer num determinado espaço e contexto. A Igreja corre o risco de “rodar no vazio” e de ser reduzida a uma série de estruturas, instituições e organizações, sem chegar às pessoas concretas, se as paróquias não vivem bem sua identidade e missão e não são a expressão de comunidades vivas e dinâmicas, ou se carecem de objetivos e organização pastoral” (Carta Pastoral – Paróquia: torna-te o que tu és! p.5).

96. No seio das paróquias existem as comunidades eclesiais de base e outras comunidades menores, como as várias formas de agregações de fiéis, novas comunidades, movimentos eclesiais e pastorais; essas propiciam vínculos profundos entre as pessoas e a interação entre fé e vida (cf. Carta Pastoral, n.60).

97. Indicações pastorais:

1. Que as paróquias busquem e cultivem formas comunitárias de viver a fé e se transformem em comunidades de comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus Cristo.

2. Investir na setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e de coordenação, que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na área. As paróquias e comunidades façam um levantamento da realidade local, no que diz respeito à educação, saúde, moradia e trabalho, ao número de templos religiosos de diferentes denominações cristãs e de outras tradições religiosas presentes no território paroquial; e da frequência à Missa, à catequese, aos Sacramentos, sobre as pessoas doentes, pessoas idosas e com deficiência.

3. As CEBs, inseridas nas suas respectivas paróquias, sejam estimuladas e ajudadas a manterem-se fiéis à sua razão de ser e sua missão de promover a interação entre fé e

vida, o surgimento de vocações e de novos ministérios leigos, a educação da fé de jovens, crianças e adultos, o compromisso evangelizador e missionário junto aos mais afastados.

4. Apoiar e orientar as novas comunidades, movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da Palavra de Deus; que a paróquia se torne, com a participação de todas as expressões comunitárias nela existentes, comunidade de comunidades.

5. Favorecer e estimular, de forma organizada e integrada, a experiência das paróquias-irmãs em toda a Arquidiocese, para promover a partilha e a comunhão dos recursos entre comunidades já estabelecidas e as mais novas, ou carentes de recursos.

6. No decorrer da celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II, ler e estudar a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, para redescobrir e conhecer melhor a realidade da Igreja e a participação de todos em sua vida e missão.

7. Paróquias e comunidades organizem o serviço de escuta e acolhida, com equipes de voluntários de diferentes profissões, para ajudar as pessoas que buscam ajuda e orientação social, médica, psicológica, religiosa, profissional, entre outras.

8. Estimular a vida fraterna e solidária entre os paroquianos, mediante a criação de grupos de voluntários formados por profissionais, para o atendimento aos necessitados, em especial nas paróquias da periferia.

9. Promover a implantação da Pastoral do Dízimo nas comunidades, visando a manutenção das mesmas e a formação da consciência da partilha e da responsabilidade de todos os fiéis na manutenção da vida e da missão da Igreja.

Quinta urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos

98. “Ao longo de uma história de solidariedade e compromisso com as incontáveis vítimas das inúmeras formas de destruição da vida, a Igreja se reconhece servidora do Deus da vida. A nova época que, pela graça deste mesmo Deus, haverá de surgir precisa ser marcada pelo amor e pela valorização da vida, em todas as suas dimensões. A omissão diante de tal desafio será cobrada por Deus e pela história futura” (DGAE 2011-2015 n.66).

99. Um dos grandes testemunhos da Igreja, ao longo da sua história, é o seu compromisso com a vida. Também na nossa época, a fé se torna eloquente e compreensível aos olhos dos homens quando se traduz em serviço à vida.

100. A dimensão social está fundamentada na Palavra de Deus, nas reflexões dos Santos Padres e no Magistério da Igreja, especialmente na Doutrina Social da Igreja, para nortear a reflexão e ação do povo de Deus, como sinal de Cristo, bom Pastor, que acolhe de modo samaritano os irmãos e irmãs que vivem em situação de miséria, exclusão e sofrimento.

“A fé sem a caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente, de tal modo que uma ajuda a outra a realizar o seu caminho. De fato, não poucos cristãos

dedicam amorosamente a sua vida a quem vive sozinho, marginalizado ou excluído, considerando-o como o primeiro a quem atender e o mais importante a socorrer, porque é precisamente nele que se espelha o próprio rosto de Cristo. Em virtude da fé, podemos reconhecer naqueles que pedem o nosso amor o rosto do Senhor

101. Os católicos não podem calar-se diante da vida impedida de nascer, por decisão individual, ou pela legalização do aborto. Não podem calar igualmente diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. Mas precisam comprometer-se com um mundo onde seja efetivamente reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir a vocação, crer e manifestar sua fé; com um mundo onde o perdão seja a regra, a reconciliação, meta de todos, a tolerância e o respeito, condição de felicidade e a gratuidade, vitória sobre a ambição. O discípulo missionário reconhece que seu sonho por vida eterna leva-o a ser, já nesta vida, parceiro da vida em plenitude.

102. Indicações pastorais:

1. Ter um olhar atento para a família, de acordo com as orientações da Igreja. Ela é patrimônio da humanidade, escola de comunhão, o primeiro lugar para a iniciação à vida cristã, onde os pais são os primeiros catequistas. Por ser considerada um “eixo transversal da ação pastoral”, a família precisa ser respaldada por uma pastoral familiar intensa, vigorosa e frutuosa. A família precisa ser também sujeito da ação política, para que o Estado assegure o exercício de direitos e deveres inerentes à vida familiar.

2. Dar especial atenção às crianças, adolescentes e jovens nas comunidades eclesiais. O trabalho pastoral realizado pela Pastoral da Criança, pela Pastoral do Menor, pela Infância Missionária, merece um grande apoio para evitar que crianças e adolescentes tornem-se vítimas precoces do abandono, da violência, das drogas e abusos, ou lhes sejam negadas oportunidades e perspectivas de futuro.

3. Despertar, valorizar e organizar os grupos juvenis para que se tornem comunidades de fé e de vida.

4. Acompanhar a ação dos trabalhadores e trabalhadoras, criando e apoiando alternativas de geração de renda, assim como a economia solidária, o acesso ao crédito popular, a busca do desenvolvimento local sustentável e solidário, e a formação para um emprego estável.

5. Apoiar o trabalho da CARITAS da Arquidiocese de São Paulo, nas campanhas emergenciais, nos projetos de economia solidária e geração de renda, na acolhida e encaminhamento dos migrantes, imigrantes e refugiados.

6. Incentivar a realização do Fórum das Pastorais Sociais nas Regiões Episcopais e na Arquidiocese, sob a direção da Coordenação Pastoral da Caridade Justiça e Paz, visando o entrosamento e a troca de experiências entre as diversas pastorais que atuam nas realidades sociais mais desafiadoras, e o estudo e a reflexão sobre a Doutrina Social da Igreja.

7. Acompanhar e estimular o trabalho realizado pela Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e o Centro Santo Dias na defesa dos direitos humanos, no combate a toda forma de injustiça e violência contra a pessoa humana.
8. Fortalecer a organização dos cristãos leigos e leigas por meio do Conselho de Leigos da Arquidiocese de São Paulo e dos grupos de articulação dos leigos, que vão se constituindo no âmbito dos setores pastorais, para o amadurecimento da vida, missão e vocação laical.
9. Apoiar e incentivar a organização da Pastoral Afro e da Pastoral Indigenista em vista da inclusão social e da superação de toda discriminação e racismo, mediante a afirmação de seus direitos, cidadania, projetos próprios de desenvolvimento e consciência de suas próprias culturas.
10. Educar os fiéis para a preservação da natureza e o cuidado da ecologia e da biodiversidade, através de iniciativas e ações que promovam a educação para o respeito ao meio ambiente.
11. Estimular a participação social e política dos cristãos leigos e leigas nos diversos níveis e instituições, promovendo a sua formação permanente e iniciativas concretas, incentivando a sua participação nos Conselhos Paritários e Comunitários, bem como de Direitos Humanos.
12. Favorecer a colaboração e parceria das instituições católicas com outras instituições privadas ou públicas, com os movimentos populares e outras entidades da sociedade civil, nas causas justas e compatíveis com a fé e a moral cristãs, visando a implantação e execução de políticas públicas voltadas para a defesa e a promoção da vida e do bem comum, conforme a Doutrina Social da Igreja.
13. Formar grupos de Pastoral de Fé e Política nas Regiões Episcopais, setores e paróquias, motivando e preparando os fiéis para a difícil e nobre ação política em busca do bem comum (*Gaudium et Spes* 457), como testemunhas do Reino de Deus na Cidade.
14. Apoiar e valorizar a atuação do Vicariato da Pastoral da Comunicação na Arquidiocese.
15. Dar especial atenção à presença da Igreja nas periferias da cidade, e também à Pastoral Carcerária.
16. Investir na formação de pensadores e pessoas que estejam em níveis de decisão, para evangelizar os “novos areópagos”. Fortalecer a Pastoral Universitária e a Pastoral da Educação.
17. Acompanhar e apoiar a ação do Vicariato da Pastoral para o Povo da Rua, favorecendo a inclusão social, as expressões de religiosidade popular, o crescimento, aprofundamento e o testemunho da fé, que age pela caridade.
18. Educar para o valor da vida humana, a dignidade e os direitos humanos, o cultivo da saúde, a prática das virtudes humanas e a superação dos vícios.

19. Prevenir contra o consumo das drogas e do álcool, da prostituição, da violência e de toda forma de agressão à dignidade da pessoa e da vida humana. Educar para uma vida sexual sadia, regrada, respeitosa e responsável.

20. Realizar parcerias com a Defensoria Pública, visando a orientação e a assistência jurídica aos paroquianos necessitados ou, ao menos, encaminhá-los para os núcleos existentes, quando necessário. Divulgar a cartilha de direitos humanos à população.

21. Dar atenção especial aos idosos, animando a Pastoral da Pessoa Idosa, visando a sua integração na família e na sociedade, na busca constante da dignidade e da qualidade de vida física, psíquica e espiritual das pessoas idosas.

Sexta urgência – A Igreja e a evangelização dos jovens

103. “A evangelização da juventude interessa muito à Igreja e aos seus pastores. Temos um compromisso sério com a formação das novas gerações que, pressionadas por tantas propostas de vida, necessitam de muito discernimento, de coragem, de verdadeiros caminhos e, principalmente, de nossa presença amiga. Os jovens têm o direito de receber da Igreja o Evangelho e de ser introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé cristã” (Doc. 85 CNBB, p.5)

104. A evangelização da juventude envolve a questão fundamental da transmissão da fé às novas gerações. “A fé há de ser apresentada aos jovens como um encontro amoroso com Deus, que toma feições humanas na pessoa de Jesus Cristo. Desse modo, estarão em jogo duas realidades: o encontro pessoal com Jesus Cristo e a aceitação de um projeto de vida baseado no seu Evangelho” (Doc. CNBB nº 85, n.3).

105. Os inúmeros desafios que os jovens enfrentam exigem urgentes iniciativas pastorais nas diversas instâncias da ação evangelizadora. “O combate à apologia e ao uso das drogas, a todo tipo de violência e extermínio de jovens, uma atraente proposta vocacional e a oferta de um itinerário para a organização de seu projeto pessoal de vida contribuirão com a vida plena desta parcela tão significativa de nossa Igreja e sociedade” (cf. DGAE 2011- 2015, 81).

106. A Arquidiocese de São Paulo, ao assumir esta urgência, quer renovar a opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela juventude, e convoca todas as forças eclesiais – presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, paróquias, comunidades, pastorais, movimentos, associações e novas comunidades – a se empenharem na acolhida, formação e evangelização dos jovens, através de ações concretas, como mutirões, atividades esportivas e culturais, missões, retiros, encontros de formação e catequese.

107. Indicações pastorais:

1. Repensar as atividades pastorais das paróquias e comunidades com especial atenção à juventude, fortalecendo e ampliando o que já existe e criando espaços e estratégias para atrair e convocar os jovens, fazendo-se presente entre os que estão fora da igreja (escolas, universidades, shoppings). Essas estratégias deverão ser pensadas como ações missionárias para a formação dos jovens.

2. Envolver as organizações eclesiais nas atividades da Semana Missionária (Pré Jornada) e da Jornada Mundial da Juventude de 2013. Em todos os países onde já aconteceram as JMJ, houve um aumento na participação dos jovens na vida da Igreja, inclusive com surgimento de novas vocações à vida consagrada. Nesse sentido, pensar na Pré-Jornada e na JMJ como uma oportunidade de diálogo, aproximação, acolhimento, envolvimento e animação da juventude na Igreja de São Paulo, usando também ações e iniciativas que se prolonguem para além da JMJ.
3. Organizar o Setor Juventude, buscando a unidade entre as forças eclesiais que trabalham com jovens na diversidade de carismas e pedagogias e proporcionar o fortalecimento de uma espiritualidade adequada aos jovens.
4. Nas paróquias e comunidades, identificar pessoas que tenham o carisma para o trabalho com jovens e capacitá-las para esse trabalho.
5. Identificar jovens em nossas comunidades que tenham conhecimento da informática para colocá-los a serviço da evangelização de outros jovens, através de sites, blogs, redes sociais, pelos quais os jovens possam se comunicar e evangelizar outros jovens.
6. Investir na criação de comunidades jovens que agrupem jovens com interesses afins (música, teatro, literatura, esportes etc). Que essas comunidades sejam permeadas pelos princípios cristãos da fé, justiça, fraternidade, caridade, gratuidade.
7. Envolver as famílias nas ações preventivas com os jovens, orientando-as a lidarem com seus filhos jovens, com indicações espirituais, pedagógicas e psicológicas, visando uma convivência harmoniosa, a detecção de situações de risco, como drogas, violência e também sedução por falsas propostas de felicidade.